

O QUE TODOS DEVEM SABER

APROVEITEMOS OS NOSSOS MOMENTOS DE DESCANÇO PARA NOS INSTRUIRMOS UM POUCO.

As plantas e o frio

Eis o limite térmico inferior a que podem florescer, frutificar algumas plantas e bem assim também o limite inferior a que podem resistir dentro, é claro, do número de tempo de exposição e que em vários casos da vida, a todos pode ser útil o seu conhecimento.

1.º — Floração

Aveleira	+ 3 graus
Cipreste	3 »
Buxo	4 »
Choupo branco	4,2 »
Tojo	4,5 »
Madresilva	5 »
Pecqueiro	5,4 »
Alpercheiro	6 »
Amendoeira	6,3 »
Violeta	6,5 »
Ulmeiro	7,5 »
Cerejeira	8 »
Macieira	8,3 »
Pereira	8,5 »
Morangueiro	9,5 »
Faveira	10 »
Giesta	10 »
Lilás	11 »
Nogueira	12 »
Gastanheiro da Índia	12,5 »
Sanfeno	12,7 »
Acácia bastarda	13,4 »
Freixo	14 »
Centeio	14,2 »
Tamareira	15 »
Aveia	16 »
Trigo	16,3 »
Cevada	16,5 »
Videira	18,2 »
Milho	19 »
Oliveira	19,4 »
Cânhamo	19,5 »

2.º — Frutificação

Calor crescente

Ulmeiro	12 graus
Ervilheira	14,2 »
Cerejeira	16 »
Faveira	16 »
Sanfeno	17 »
Aveleira	18 »
Groseira	18 »
Framboeseiro	18 »
Morangueiro	18 »
Alpercheiro	18,8 »
Abrunheiro	18,8 »
Aveia	18,9 »
Cevada	19 »
Centeio	19 »
Pecqueiro	20 »
Trigo	20 »
Figueira	21 »
Videira	22,6 »
Meloeiro	23,8 »
Cânhamo	23,4 »

Calor decrescente

Gastanheiro da Índia	18,2 »
Milho	17 »
Batateira	7,1 »
Nogueira	16,2 »
Gastanheiro	16,2 »
Romeira	15 »
Oliveira	10 »

3.º — Resistência

Azinhivo	} 0º
Gastanheiro	
Pinheiro bravo	
Sobreiro	
Urse	} 1º grau
Batateira	
Bananeira	
Cana doce	
Figueira da Índia	} 3º
Ervilheira	
Larangeira	
Milho	
Sorgo	} 8 graus
Cebola	
Figueira	
Oliveira	
Ceva-linha	} 10,5 »
Nespereira	
Tamareira	
Alho	
Amendoeira branca	25 »

Muitas árvores chegam a gelar de tal maneira que os seus troncos se tornam frágeis como cristal, sem, contudo morrerem, tornando logo a vida normal desde que a temperatura aumente. Sob este conhecimento, modernamente aplica-se também o frio como meio de conservação de algumas espécies botânicas, mas demanda tal prática, cuidados e saber extremos para se obter resultados satisfatórios, isto é, o rejuvenescimento vital e normal das plantas.

Grito de alarme

O chá

O professor Van Wich, lançou ultimamente o grito de alarme contra o abuso que as modernas gerações fazem do chá, com a divulgação do «Five-o'clock», confirmado, diz ele, por:

1.º Pelo aumento dos inúmeros estabelecimentos: pastelarias, *charcuteries*, leitarias, cafés, *casas de lanche* (1), etc., que por todas as ruas aparecem e fornecem ao público a já hoje aristocrática bebida;

2.º Pelas estatísticas alfandegárias;

3.º Pelas estatísticas comerciais de consumo (2).

(1) Em Portugal não existem estes estabelecimentos.

(2) Também entre nós não existem estas estatísticas de venda, isto é, estatísticas em que são demonstradas as quantidades que um certo e determinado ano se vende ao público o produto.

E que a continuarem as coisas assim, se lhe deverá opor um dique (sic). A nossa geração, diz ainda, é formada por verdadeiros esgotados nervosos, excitados contudo artificialmente por uma actividade febril derivada da vida mundana da alta roda, da ância do ganho da classe média; e hereditariedade mórbida do operariado. Como pois consentir no aumento de consumo progressivo dessa diabólica mas agradável bebida, que abala, chicoteia o já tão embotado sistema nervoso?!

Todo o mundo esperava, como sempre sucedia que o higienista e químico notável dr. Daniel Boulton viesse com a sua autoridade, confirmar o que o seu discípulo dilecto, professor Wich afirmava, condenava e... alarmava, mas desta feita... nem palavra!! Intrigado o público com o caso, já perguntava à boca cheia:

— Não terá Wich razão?!

— Não será o chá um veneno?!

— Não terá aumentado o consumo?!

Foi então que um jornalista irrequeio se lembrou de entrevistar o célebre químico e abordar francamente o assunto.

— Leu V. Ex.ª o artigo do professor Wich?

— Certamente.

— Mas... não está V. Ex.ª de acôrdo com a opinião exposta?

— Não tem contestação as teorias apresentadas pelo meu querido discípulo.

— Mas... desta vez, não as confirmou com a vossa autorizada opinião, nem tão pouco, como tem sempre feito, apresentou novos argumentos... dados... informações...

— Para quê?

— Para quê!!!

— Naturalmente... O que Wich disse com respeito ao chá, está certo... *teóricamente*... Muito antes d'êlle já eu tinha chegado às mesmas conclusões...

— Mas então, desculpe-me V. Ex.ª, Entendo que V. Ex.ª também deve fazer pressão com a vossa autoridade e obrigar os poderes públicos a afastarem o mal que ameaça as novas gerações.

— Não há... em parte, que recear êsse perigo.

— Como assim!!!

— Meu caro... E' que tudo isso apodado de chá que para aí se vende não é... chá... São folhas secas de diversas plantas... em pacotes bonitos... que eu ainda não posso afirmar se fazem bem... ou mal, pois são tão variáveis, que é difícil uma afirmação.

— Mas então?

— Mas então... a nova geração bebe um líquido a que lhe dá o nome de chá... como bebe café... de cevada, de grão, etc.

— Quer dizer...

— ... quer dizer... há muitos chás. Chá Lipton... chá Hornimans... chá Melrose, e até chá... grin.

Dá-se aqui um trocadilho na resposta do dr. Boulton intraduzível para portugueses. O dr. responde: «Há chás... Lipton e até chás... Ourique, porque em francês chá é «Thé» e dizendo Thé... Orique... diz: Theorique, que se traduz por teórico, e que nós só podemos aproximar, não na significação mas na idea, com chá... grin, ou um outro exemplo que é menos próprio.

Como se evita que compremos muitos vidros de candieiro

Toma-se uma vasilha onde caiba bem a vontade o vidro do candieiro e deita-se nela o vidro, água até cobrir aquele completamente, e um punhado de sal das cozinhas.

Aquece-se a água muito lentamente até à ebulição, e conserva-se nesta durante alguns segundos. Depois retira-se a vasilha do lume e em sitio abrigado, onde principalmente não haja mudança rápida de temperatura ou corrente de ar, deixa-se que *muito lentamente* a água arrefeça e uma vez fria, retira-se o vidro do candieiro da água, limpa-se... e põe no candieiro.

Sendo tudo feito como indicamos, garantimos que os vidros não estalam com a facilidade habitual.

Como se evita o cleiro

Numa vasilha, derrete-se 2 gramas de cera branca, 5 gramas de vaselina, e, uma vez ambos os ingredientes líquidos, junta-se 5 gramas de óleo de amêndoas doces, incorpora-se tudo muito bem e passa-se para uma outra vasilha na qual foi também aquecida 10 gramas de glicerina. Bata em seguida até arrefecer. E' suficiente untar a pele com este preparado para dentro em pouco o mal desaparecer. Pode também aplicar aos lábios sem inconveniente.

“Camões e D. Sebastião”

Outro trabalho do Sr. António Sérgio reforçando a sua tese exposta em “O Desejado”

COMO adenda à sua obra «O Desejado», publicou o Sr. António Sérgio um púsculo, «Camões e D. Sebastião», que o autor considera «rudimentar organização de documentos para o estudo de um problema curioso».

O Sr. António Sérgio, «advogado do diabo» neste processo de canonização, que certos escritores místicos andam a urdir, especulando com a ignorância do povo, em volta da figura do «rei-maluco», elaborou êste seu último trabalho, dentro dos precisos moldes duma obra de crítica.

Demonstra o autor, que Camões, apesar da subserviente invocação do início do poema «Lusiadas», dirigiu no decurso dessa obra acres censuras ao inconsiderado proceder do último rebento da Casa de Aviz. Coteja o Sr. António Sérgio certos passos dos «Lusiadas» com algumas passagens das cartas de D. Jerónimo Osório, apontando-lhes a similhaça de pensamento, tam flagrante que dir-se-lia serem uns simples parafrazes das outras.

Para êste trabalho não se lembrou o sr. António Sérgio de transcrever todo o poema, avolumando a obra, como fez no «Desejado». Limita-se a citar os textos, a reproduzir algumas estâncias dos «Lusiadas» e a enriquecer tudo de interessantes notas, as notas que faltam, lamentavelmente, no «Desejado». Assim ordenou o autor um opúsculo de leitura fácil e fácil aquisição, que corresponde integralmente aos objectivos divulgadores, de quem pretende destruir com factos de verdade certas mentiras históricas, profundamente prejudiciais à mentalidade popular.

O livro «Camões e D. Sebastião», complemento do anterior, satisfaz inteiramente à intenção do sr. António Sérgio. Demonstra, de maneira irrefutável, que nenhum dos coevos do vencido de Alcá-

cer-Quibir, a não ser os fidalgotes fanfarrões e os mercadores ávidos, aceitou como bom o seu disparate da jornada de África. A luz da crítica histórica parece ficar arrumado o assunto. Isso não impedirá, porém, que poetas e novelistas, doentes de chauvinismo, continuem a entoar loas àquele «bom rei que há-de chegar numa manhã de nevoeiro», para entreterem a debilidade do povo e a sua própria. Os homens de pensamento, êsses é que não têm o direito já de permanecer no êtro. Os dois livros do sr. A. Sérgio, cumprem o milagre de Cristo — dão vista aos cegos.

Resta agora que o sr. António Sérgio, excepcional cultura humanista e notável sensibilidade crítica — única entre os que escrevem em Portugal — ponha a sua capacidade de análise ao serviço de outras causas não menos justas nem menos simpáticas, de que essa de ensinar história aos padre-mestres do misticismo patriótico.

Há outras figuras do Portugal velho que esperam ser escalpelizadas por um crítico de lúcida visão, como é o sr. António Sérgio. E a sociedade de hoje precisa também, e muito, que alguém, com autoridade moral, lhe vá apontando os desatinos, se não para a curar, que isto não tem remédio, ao menos para elucidar aqueles que no futuro farão o mesmo que o sr. António Sérgio hoje faz brilhantemente acerca do passado.

E' preciso que vezes, com a vibração e a clareza da do sr. António Sérgio, se juntem às daqueles que, do lado de cá da barricada, protestam contra o vício e contra o mal, contra a violência e contra a hipocrisia, contra o Estado que nos jugula, contra o Capital que nos vampiriza e contra a Igreja que nos ministra em sábias doses a morfina da resignação.

J. B.

A peça que reúne maior número de atracções é a que está em scena no

Teatro Nacional a delicada comédia

DICKY

de sensacional entredo e de optimo desempenho

Hoje e toda a semana repete-se o delicioso

DICKY